

As famílias do século XXI

Por Silvana Leporace - Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri

A família sofreu muitas modificações nas últimas décadas. Hoje, encontramos configurações bem diferentes da tradicional. Não é nosso objetivo discutir se as famílias reconstituídas são melhores ou piores, se os conflitos existentes são maiores ou menores, mas sim reforçar a necessidade de os pais cumprirem seus papéis para que o desenvolvimento físico, emocional e social dos filhos aconteça de maneira satisfatória. Portanto, é necessário que os pais reservem espaço e tempo para eles, criem regras positivas de convívio, tolerância e muito diálogo.

Para ampliar as colocações, conversamos com o dr. **Sergio de Paula Ramos**, psiquiatra e nosso ex-aluno, que fez observações sobre o reflexo das mudanças sociais na escola, e sobre a maneira pela qual os adultos podem ajudar as crianças e os adolescentes a perceber que as experiências precoces nem sempre são positivas.

Dante Cultural - Com as novas configurações familiares que surgiram, que análise podemos fazer do papel da família hoje?

Dr. Sergio de Paula Ramos - Para que uma criança cresça e se desenvolva em direção a vir a ser um adulto feliz, há a necessidade de dois ingredientes básicos: o afeto e os limites. Por afeto entendo aqui a presença, o acolhimento, a ternura que geram o sentir-se querido - a chamada função materna. Por limites, uma visão clara do que pode e o que não pode ser feito alavanca não só todo o processo civilizatório, como também o desenvolvimento da própria personalidade - conhecida como função paterna. Pois bem, não importando qual a constelação de determinada família, o que se espera é que ela seja capaz de prover as duas coisas, tanto o que se chama de função materna, quanto a função paterna.

Dante Cultural - Na estrutura contemporânea, como estão determinados os papéis de pai e mãe diante dos filhos? O maior desafio é a questão dos limites?

Dr. Sergio - Quando eu era criança e adolescente, minha mãe tinha como principal ocupação cuidar dos filhos, e meu pai era uma presença com autoridade sentida desde o início da noite. Sempre estudei no Dante, onde o professor era percebido com todo o respeito e, estabelecido este, o tratamento carinhoso era uma marca do Colégio. Então, tanto em casa quanto na escola, tive a sorte de ser cercado por adequadas funções materna e paterna. Já meus filhos foram criados tendo os pais trabalhando fora o dia inteiro, e à noite várias coisas concorriam com a atenção a eles: a TV, o computador, o próprio trabalho, etc... É a tal coisa, dizem alguns, para se consolarem: o que importa é a qualidade da

vida em família e não a quantidade de horas juntos. É verdade. Mas que vida em família é esta em que, quando em casa, cada um está trancado em seu quarto e poucos fazem refeições com toda a família sentada à mesa? Tais lacunas muitas vezes geram culpa e esta é a motriz para a perda da autoridade. Aí deixamos de ser responsáveis pelos nossos filhos e delegamos o cuidado deles à família “todo o mundo”. Ah, pai, todo o mundo bebe, todo o mundo vai viajar para Bariloche, todo o mundo.... e eu, culpado pela minha ausência, permito que meu filho acabe se regendo pelo “todo o mundo”. Aí começa a complicação.

Dante Cultural - Com a mudança desses papéis, como isso reflete na escola?

Dr. Sergio - Da pior forma possível. Em primeiro lugar, não nos esqueçamos de que os professores também são pais. Nas poucas vezes em que meus pais foram chamados ao Dante, eu ia com o rabinho no meio das pernas temendo o que a orientadora educacional iria combinar com eles sobre o que fazer comigo. Hoje, o que ouço em meu consultório são pais, completamente equivocados, combinarem com seus filhos o que farão com a professora! E quem sai perdendo? Toda uma geração. A escola brasileira é doutora no exercício da função materna. São acolhedoras e compreensivas. A meu ver, no entanto, estão falhando no exercício da função paterna. Não devemos nos esquecer de que, para um

jovem que não tenha a sorte de ter um pai adequado, o professor é sua segunda chance.

Dante Cultural - As crianças e os adolescentes hoje são mais onipotentes, têm experiências cada vez mais cedo e recebem muita informação. Isso corresponde a um amadurecimento mais precoce?

Dr. Sergio - Definitivamente, não. Isso é uma resposta da sociedade de consumo, não dos jovens. Ao contrário, para nossa surpresa, as neurociências estão demonstrando que o cérebro humano completa seu amadurecimento

apenas entre os 22 e os 24 anos. E mais, que tal amadurecimento se dá, no cérebro, de trás para a frente. Ou seja, o lobo frontal é o último a amadurecer, e nele estão todos os núcleos superiores das decisões humanas. Consequentemente, não devemos esperar que pessoas com menos de 21 anos sejam razoáveis e que tomem decisões adequadas. Se é verdade, por um lado, que não são mais crianças, não é menos verdade, por outro, que necessitam, sim, ser cuidados.

“É a tal coisa, dizem alguns, para se consolarem: o que importa é a qualidade da vida em família e não a quantidade de horas juntos. É verdade. Mas que vida em família é esta em que, quando em casa, cada um está trancado em seu quarto e poucos fazem refeições com toda a família sentada à mesa?”

Dante Cultural - Quais mensagens o senhor gostaria de deixar para os pais e mães do nosso Colégio?

Dr. Sergio - Atualmente, estamos com muitos problemas ante a realidade que se apresenta aos nossos filhos. É chegado o momento de os cuidadores deles (pais e professores) voltarem a se articular para cuidar melhor deles.